

Oswaldo Birochi



O valente cabo das linhas de suprimento em depoimento a

Júlio Vinicius Nascimento Netto

Oswaldo Birochi nasceu no dia 7 de setembro de 1921 na cidade de Campinas, SP. Filho de família humilde, seu pai João Birochi, nascido na Itália, foi motorista e sua mãe Josefina, também natural de Campinas, dona de casa.

Oswaldo cursou até a antiga 4ª série do ensino fundamental na escola Francisco Glicério e, durante a adolescência conheceu uma moça de nome Eliza, a qual, futuramente, viria a se tornar a sua esposa.

Jovem trabalhador, Oswaldo prestou serviços em uma oficina mecânica e, posteriormente, no Instituto Agrônomo de Campinas. Ao atingir os 18 anos de idade, comenta com seus pais e colegas que deseja prestar o serviço militar, sendo aceito pela comissão de alistamento e enviado ao 6º Regimento de Infantaria de Caçapava (6º RI), SP, onde ingressa no efetivo da unidade como soldado recruta.

Pela dedicação e o esforço demonstrados no desempenho de suas funções, Oswaldo é recomendado pelos seus superiores para prestar concurso interno para ser promovido à graduação de cabo. Aprovado, ele realizou o curso e é promovido, sendo logo em seguida, indicado para ser transferido para a guarnição militar de Taubaté, onde lá Oswaldo continua a se destacar pela dedicação ao serviço e pelo excelente preparo físico.

Em 2 de julho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) recebe ordem para embarcar o seu primeiro escalão com destino além mar. O cabo Oswaldo Birochi, agora incorporado no efetivo do 6º RI com destino ao *front*, neste escalão se encontra, embarcando no navio de tropas General Mann.

Na viagem, um acontecimento assusta a todos os tripulantes. Um navio das forças aliadas havia atirado uma bomba de profundidade e quando esta passou pelo navio de Birochi, o barulho foi tão grande que todos pensaram que estavam sendo bombardeados por submarinos alemães.

Apesar do enorme sobressalto, a viagem prosseguiu o seu curso ao longo de 14 dias, estando a bordo 5.075 praças e 304 oficiais.

Quando o navio aportou na cidade de Nápoles na Itália, as tropas brasileiras foram recepcionadas com um ataque realizado pela força aérea alemã, mas a artilharia antiaérea norte americana estava em condições de rechaçar o ataque inimigo e garantir a proteção dos expedicionários.

Daquele dia em diante, iniciavam as operações das tropas brasileiras na Itália. Em função da falta de material de instrução tanto no Brasil quanto naquele país, o comandante da FEB, general Mascarenhas de Moraes, manteve repetidas entrevistas com autoridades militares americanas para recebimento de material, de forma que o 1º Escalão pudesse estar em condições de iniciar seus treinamentos para um futuro emprego.

A 26 de julho de 1944, os efetivos brasileiros foram autorizados a se

deslocarem para a região de Tarquinia, sendo que a 2 de agosto participaram eles de um grande exercício de 36 horas a fim de aferir o grau de adestramento que estavam com vistas à breve partida que fariam em direção ao front.

O pronto das tropas brasileiras para entrarem em combate foi dado a 5 de agosto de 1944, quando passavam elas a serem subordinadas ao V Exército Americano.

Segundo Oswaldo, de 18 a 20 de agosto de 1944, o 1º Escalão Expedicionário deslocou-se de Tarquinia para Vada, que estava a 25 quilômetros da frente de batalha. Ali se instalaram com o objetivo de confirmar o adestramento para o combate, pois os cuidados que tinham que manter, dadas as proximidades que estavam do inimigo, eram muitos, o que exigia de todos disciplina de ruídos, luzes e de circulação.

Na manhã de 29 de novembro, após um bombardeio da artilharia expedicionária, o 3º batalhão do 6º Regimento de Infantaria, o qual Oswaldo integrava, avançou em direção ao Monte Castelo, mas foi obrigado a recuar frente ao pesado contra-ataque inimigo que infringiu enormes baixas aos brasileiros.

Esse avanço foi o batismo de fogo de Oswaldo, que naquela ocasião presenciou pela primeira vez a morte de soldados em combate, entre estes, amigos seus.

Numa determinada ação, Oswaldo se recorda que estava reunido com o tenente do seu pelotão e mais alguns companheiros, em uma casa abandonada, quando perceberam a chegada de soldados alemães em grande efetivo.

Na tentativa de evacuarem o recinto, o bravo tenente optou por ali permanecer e que Oswaldo e outros dois companheiros fossem buscar reforço, mas, infelizmente, o reforço não chegou a tempo e o bravo oficial morreu no seu posto de honra.

A 5 de março de 1945, Oswaldo se recorda que seu regimento conquistou o monte Della Castellana e a cidade de Castelnuevo auxiliado pela 10ª Divisão de Montanha norte americana. Dali atacaram a cidade de Montese em 1º de abril, cuja conquista, na opinião de Oswaldo, foi a mais sangrenta enfrentada pelos brasileiros nas 414 baixas recebidas.

Na tarde de 27 de abril, um dia antes da ofensiva contra Fornovo, o comando brasileiro determinou aos alemães que se rendessem. Enquanto estes adiavam tal decisão, o regimento de Oswaldo se encontrava em prontidão, aguardando a evolução dos fatos.

Então, à noite, depois de forte, mas fracassado contra-ataque inimigo, oficiais alemães decidiram cruzaram as linhas brasileiras para negociar a rendição. A única condição aceita pela FEB era que a rendição fosse incondicional.

Como resultado, nada menos de 14.779 alemães e italianos se tornaram prisioneiros. Entre eles, dois generais, o alemão Otto Fretter

Pico e o italiano Mário Carloni.

Depois da extraordinária rendição de Forno, o regimento de Oswaldo participou de outras operações ofensivas, destacando-se em Novara, Torino e Cremona.

Durante a sua atuação no 6º Regimento de Infantaria, o cabo Oswaldo foi responsável pelo transporte e entrega dos suprimentos, armamentos e munição nas frentes de combate, arriscando a vida um sem número de vezes ao cruzar as linhas inimigas sob constante fogo de armas automáticas, artilharia pesada e franco-atiradores.

De fato, dado que a estratégia alemã era a “Blitzkrieg” – ação rápida de combate que visava cortar as linhas de suprimento – combatentes na função de Oswaldo eram uns dos mais visados pelo inimigo, uma vez que, com poucas informações acerca do inimigo, reduzidos mantimentos e munição, os pracinhas na linha de frente não conseguiriam permanecer combatendo por muito tempo.

Em maio de 1945, a guerra na Europa chegava ao fim. Para Oswaldo, que participara da campanha da Itália desde a chegada do 1º escalão da FEB, saber que próximo estava o dia que retornaria ao Brasil era como um sonho que se tornava realidade, sonho esse que hibernado estava em seu coração, depois de tantos meses de luta, sacrifícios e mortes de companheiros e inimigos e, por fim, a vitória definitiva das forças aliadas.

O tão esperado retorno se deu no dia 6 de julho de 1945. O 1º escalão parte do porto de Nápoles com destino ao Rio de Janeiro, chegando 12 dias depois.

Após a desmobilização, o cabo Oswaldo, condecorado e elogiado pelos seus feitos em combate, não requer permanência no Exército Brasileiro apesar da insistência de seus superiores que muito o estimavam.

Preferiu ele retornar à cidade de sua mocidade, rever seus familiares e, quem sabe, a moça Eliza, que talvez estivesse a esperá-lo.

Oswaldo toma então um trem para Campinas e junto com outros campineiros expedicionários são aguardados por enorme multidão na estação da cidade, onde todos os consideravam heróis do Brasil.

Apesar de a Segunda Guerra Mundial ter acabado para Oswaldo, as consequências que dela obteve continuaram por algum tempo em sua vida.

Por aproximadamente um ano, ele não conseguia arrumar um emprego, não sentia vontade de sair de casa, pois não conseguia ouvir barulhos fortes. Graças a um tratamento médico, sua saúde auditiva e sua auto-estima melhoraram.

Paulatinamente, pois, a vida de Oswaldo começava a retornar à normalidade. Reinstituído no emprego que tinha antes da guerra no Instituto Agrônomo de Campinas, ele reassumiu suas funções de mecânico de caminhonete e, com o passar dos anos, veio a ser

aposentado naquele instituto.

Não obstante, a moça Elisa, que Oswaldo conheceu quando adolescente, o reencontra e enamorados, trocam juras de amor, aceitando ela o seu pedido de casamento. Juntos permanecem por muitos anos, até que em 1982, ela veio a falecer.

Em 1988, a constituição federal garante no artigo 53 de suas disposições transitórias que todo ex-combatente da FEB tenha direito a aposentadoria vitalícia no posto de segundo-tenente.

Oswaldo se encontra nessa situação e com os proventos melhorados, se vê em condições mais adequadas para sustentar sua família, bem como no que lhe é possível fazer para a Associação dos Expedicionários Campineiros, a qual pertencia desde a sua fundação, ainda em 1945, e em muito contribuiu para a construção de sua sede em Campinas.

Em todas as reuniões da Associação, Oswaldo se encontra presente e é destaque pela sua presença carismática e o largo sorriso que contagia o ambiente, sendo sempre convidado a cantar, devido a sua voz de barítono que os largos anos de vida não conseguiram arrefecer.

Casando-se posteriormente com Leonilda, Oswaldo completou com ela 27 anos de casado em 2009.

Seus 10 filhos (Marcos, Mércia, Mauro, Meire, Bernadete, Antônio, Sérgio, Francisco, Rita e Sandra), 25 netos e 2 bisnetos são hoje o que de mais precioso Oswaldo tem dessa jornada que foi sua vida de humilde e dedicado cidadão campineiro, soldado, trabalhador e exemplar pai de família que sempre foi e soube fazer-se de exemplo a todos que lhe conhecem.

Pracinhas Campineiros

Reminiscências de Vidas que fizeram História



Edição Comemorativa dos 75 Anos do Dia da Vitória

1945 / 2010 / 2015 / 2020